

STRANGE  
TOOLSART and  
HUMAN  
NATURE

ALVA NOË

UMA LEITURA DE STRANGE TOOLS: ART AND  
HUMAN NATURE, DE ALVA NOË (2015)Rosa Hercoles<sup>1</sup>NOË, Alva. **Strange Tools**: art and human nature. New York: Hill and Wang, 2015.

A leitura das obras<sup>2</sup> do filósofo estadunidense Alva Noë requer a adoção de premissas por ele formuladas em seus estudos acerca da natureza da mente e da experiência humana. Talvez, a mais relevante, para caminharmos bem com aquilo que é proposto em *Strange Tools*, seja a proposição formulada em *Action in Perception* (2004). Nela, encontramos a noção de que a percepção não é algo que acontece ao corpo, ou no corpo, mas, sim, algo que o corpo faz. Pressuposto que tem a potência de reduzir a pó todo o nosso legado dualista, pois certificar que a percepção é um tipo de atividade pensante força a revisão e, até mesmo, o abandono de vários entendimentos de corpo, alguns praticados até os dias de hoje.

*Strage Tools*<sup>3</sup>, na esteira dessa premissa, parte do juízo de que o *problema corporemente* encontra-se ultrapassado pelas Ciências Cognitivas e pela Filosofia da Mente, áreas surgidas a partir da segunda metade do século XX. Se percepção é um tipo de ação,

1 Rosa Hercoles – eutonista e dramaturgista da dança. Mestre e Doutora pela COS/PUCSP. É professora do curso de Comunicação das Artes do Corpo da PUC-SP. Email: rosahercoles@gmail.com

2 **Action in Perception** (MIT Press, 2004); **Out of Our Heads: why you are not your brain and other lessons from the biology of consciousness** (Farrar Straus and, 2009); **Varieties of Presence** (Harvard University Press, 2012); **Strange Tools: Art and Human Nature** (Farrar Strauss and Giroux, 2015); e, **Hilfinite Baseball: Notes from a Philosopher at the Ballpark** (Oxford University Press, 2019).

3 versão utilizada para elaboração da resenha é um arquivo digital completo da primeira edição do livro (2015), em formato EPUB (*Adobe Digital Editions*).

não cabe mais pensa-la, bem como os processos que implementa, como simples portas de entrada para as informações, canais passivos que conduzem os estímulos sensoriais à mente/cérebro; esses, sim, responsáveis pela legitimação da experiência. Na obra de Noë, está incorporada a adoção epistemológica de que não há separação entre: corpo e mente, percepção e consciência, emoção e razão, sujeito e objeto, natureza e cultura, teoria e prática; assim como, todas as formas de dualismos daí decorrentes, a saber: forma e conteúdo, ação e contexto, técnica e linguagem, etc.

Recentemente, evidencia-se o crescente interesse das Ciências Cognitivas pelo estudo da Arte. Noë destaca que, sobretudo, as abordagens da *neurobiologia* e da *biologia evolucionista* tendem a não ser bem-sucedidas, apesar dos esforços empreendidos. Para ele, há equívocos sendo cometidos, relativos ao modo como essas tentativas de aproximação vêm se dando. Primeiro, pelo fato de que a separação entre corpo e ambiente vem se perpetuando, evidenciando-se um reducionismo sendo praticado quando o estudo das emoções, sentimentos, crenças, desejos, pensamentos, expectativas, etc, são tidos como ocorrências internas ao cérebro.

Para Noë, assim como para vários cientistas cognitivos, entre eles Daniel Dennett, o cérebro é necessário para a manutenção da vida animal e para o desenvolvimento da consciência humana. No entanto, o cérebro não deveria ser adotado como a instância responsável pela totalidade dos processos cognitivos, imprecisamente estudados como ocorrências que teriam lugar unicamente em nossas mentes. Também, nos diz que tudo que é vivido deixa algum traço no cérebro, mas não é ele que vai determinar o inteiro do nosso viver. O segundo equívoco destacado é o de que a arte não deveria ser vista como um fenômeno a ser estudado e, conseqüentemente, algo que necessita ser explicado; mas, sim, como um campo do conhecimento e, como tal, possuidor de pressupostos específicos, com capacidades reflexivas e argumentativas inerentes ao seu fazer.

A arte deveria ser vista como um campo capaz de produzir formas específicas de composição das materialidades que a constituí, estabelecendo e consolidando nexos próprios, além de, historicamente, propor soluções possíveis para os problemas estéticos que se coloca. Para Noë, a arte é um modo de investigação e pesquisa que ocorre no interior de questões fundantes para a construção de entendimentos acerca da natureza

humana e do mundo. A arte não é um fenômeno a ser explicado, ao contrário, ela é uma forma de investigação que se dedica à tentativa de explicar, sem a expectativa de resultados conclusivos, tendo como propósito o início de uma conversa e a abertura de alguma discussão. Um campo do conhecimento que se dedica à formulação de hipóteses, com vistas à promoção da revisão de nossas compreensões de mundo; isso, na medida em que estabelecem outras possibilidades de existência com suas inevitáveis relações e conexões em algum contexto.

Em *Strange Tools*, Noë parte de alguns questionamentos: O que é arte? Por que ela é tão importante? O que a arte diz sobre nós mesmos? E, para dar conta dessas questões, o autor traça uma equivalência entre Arte e Filosofia, apresentadas como campos de conhecimento similares, na medida em que ambas não estão preocupadas com a aplicação ou com a utilidade do que produzem. Não se tratam de conhecimentos a serem checados, desenvolvidos, contestados ou desconstruídos, objetivando a obtenção de suas comprovações; a exemplo do que ocorre com o conhecimento científico, ou o empírico. É fato que as suposições estéticas e formulações artísticas de Da Vinci e Ligia Clark, embora inteiramente distintas e até antagônicas, vão continuar convivendo e, com grande probabilidade, sendo replicadas e contextualmente atualizadas no campo das artes. Já não poderíamos dizer que as descobertas de Newton e Einstein podem conviver sem conflitos, no campo científico.

Sabemos que a Filosofia se propõe a: *pensar o pensamento...* no caso da Arte trata-se, segundo Noë, de um fazer que se propõe a: *reorganizar o organizado...* Uma das ideias trazidas pelo livro é a de que:

O trabalho de arte, seu verdadeiro trabalho, é filosófico. A arte é uma prática filosófica. E a filosofia, por mais surpreendente que possa parecer, é uma prática artística. Isso ocorre porque arte e filosofia, superficialmente tão diferentes, são realmente espécies de um gênero comum cuja preocupação é com a maneira como estamos organizados e com a possibilidade de nos reorganizarmos (NOË, 2015, s/p, **tradução nossa**).

De acordo com Noë, para que de fato entendamos a arte e seus problemas faz-se necessário compreender sua origem em nossa biologia, pois, evolutivamente, as possíveis atividades implementadas por um organismo tendem a se organizar a partir de suas

condições biológicas, existenciais e contextuais. Ou seja, é da natureza do corpo organizar suas atividades no tempo. Esse processo de organização das atividades pressupõe o desenvolvimento de tecnologias, por Noë entendidas como habilidades cognitivas. Deste modo, não podemos nos restringir ao entendimento de que técnicas e tecnologias são meros instrumentos para realizar alguma atividade ou atingir alguma finalidade. Tecnologias não são criadas simplesmente para atender necessidades ou amplificar capacidades. Elas não só possibilitam a solução de problemas existentes, mas, também, favorecem o surgimento de novos desafios.

Noë propõe que o desenvolvimento de tecnologias é imprescindível à organização da vida, que seria inviável nas suas ausências; essas habilidades cognitivas nos fazem ser o que somos. E é por meio de nossas práticas, técnicas e tecnologias que todas as nossas atividades habituais se organizam. Embora a arte pressuponha práticas tecnológicas, não cabe a ela a simples reafirmação de atividades habitualmente organizadas, ao contrário, cabe à ela investigar e entender essa organização e reorganizá-las. Por essa razão, obras de arte são ferramentas estranhas, uma vez que são meios sem limites ou fins diretivos, deterministas ou conclusivos. Ferramentas estranhas que só existem no interior das coisas que produzem, se perguntam sobre si mesmas e nos dizem: me vejam como sou...

Noë classifica as atividades habitualmente organizadas como sendo de *primeira ordem* e as atividades artísticas, que vão reorganizá-las, como de *segunda ordem*. E emprega essa sua hipótese para entender a produção artística a partir de seus substratos cognitivos e perceptivos, tais como: o movimento, a visão, a audição, a língua. Nesta resenha, vou me ater ao campo da dança.

*Strange Tools* nos diz que apesar do ato de dançar ser uma atividade extremamente complexa por conta de todos os acordos neuromusculares necessários à sua execução, ela é, também, uma atividade básica e natural. Desde a mais tenra idade, corpos humanos se movimentam ritmicamente. As pessoas dançam socialmente em seus contextos culturais, elas decidem dançar. Mas, por se tratar da reprodução de um conhecimento tácito, elas não deliberam como dançar, dado que o sujeito não é indutor nem autor dos modos e formas como as atividades de *primeira ordem* se organizam.

De acordo com Noë, nos encontramos perdidos no interior de nossas *atividades organizadas de primeira ordem*, isso porque se tratam de atividades padronizadas e, portanto, autônomas. Já as *atividades organizadas de segunda ordem* irão deslocar as tecnologias existentes, de modo a promover a descoberta de formas que viabilizem o conhecimento, a manipulação e a reorganização das *atividades de primeira ordem*. Ou seja, deslocar as habilidades cognitivas e os padrões de organização de *primeira ordem*, que só fazem sentido no interior de seus próprios contextos, de modo a dar visibilidade para outras possibilidades de existência. Agindo, deste modo, nas formas como habitualmente percebemos, pensamos e compreendemos o mundo. Nos levando ao entendimento das obras de arte como sendo meios capazes de questionar os limites da ordem.

O autor nos diz que o dançar é uma atividade cognitivamente sofisticada, porém básica e espontânea. Algo que se organiza através de padrões temporais emergentes que exibem a singularidade, a excelência e a criatividade daquela que a realiza. A dança acontece e os dançantes se encontram capturados pela atividade realizada.

Somos capturados pelas atividades que estruturam nossas vidas – olhar, ler, andar, falar, dançar. Nossas vidas são estruturadas por essas atividades. Nos somos organizados. Nos não organizamos a nós mesmos. E, assim, facilmente estamos perdidos [no interior das atividades que realizamos]. (Idem, s/p, **tradução nossa**)

Como o ato de dançar é visto como uma *atividade organizada de primeira ordem*, cabe entender os modos através dos quais essa atividade se reorganiza. Para Noë, essa tarefa cabe à coreografia, que não deve ser entendida como uma forma de organização do dançar de *primeira ordem*, mas, sim, como uma forma de representação que exhibe o fato de sermos organizados pelo dançar; ou seja, uma prática que investiga esse fato. Trata-se de compreender a coreografia como uma prática investigativa, que pressupõe o desenvolvimento de métodos de pesquisa comprometidos com o estudo dos modos como a atividade natural de dançar está organizada e, também, com a descoberta de formas através das quais ela poderia ser reorganizada.

Para Noë, a filosofia coreografa ideias, conceitos e crenças que existem como atividades organizadas em nossos pensamentos e falas. E, por outro lado, a coreografia filosofa sobre o dançar como sendo a atividade que organiza o movimento. Tanto a filosofia

quanto a coreografia partem do pressuposto que somos organizados pelas coisas que fazemos, mas que não somos autores dessa organização. São práticas similares, dado que ambas se dedicam ao estudo do modo como essa organização se dá e, deste modo, tanto organizam como reorganizam suas próprias práticas e métodos de investigação. A coreografia ao encenar a atividade natural do dançar a reorganiza, desestabilizando os entendimentos que temos do papel que o movimento representa em nossas vidas; assim como, a filosofia reorganiza o pensamento e as narrativas de senso-comum tomadas como certas.

## REFERÊNCIA

NOË, Alva. **Strange Tools**: art and human nature. New York: Hill and Wang, 2015.

**Recebido em: 02/09/2019**

**Aceito em: 13/10/2019**